

A POESIA ANTIBOLSONARISTA DE AUGUSTO DE CAMPOS À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO

THE ANTI-BOLSONARIST POETRY OF AUGUSTO DE CAMPOS IN THE LIGHT OF DISCOURSE ANALYSIS

Melina Nascimento Gomes¹
Álvaro Lopes Silva da Rocha²
Sulemi Fabiano Campos³

Data de recebimento do texto: 23/04/2025

Data de aceite: 20/05/2025

RESUMO: Com a escalada da extrema direita no Brasil, a partir da campanha presidencial de Jair Bolsonaro (Partido Liberal), Augusto de Campos, célebre pioneiro da poesia concreta, passou a usar seu perfil do Instagram para divulgar poemas tecendo críticas ao movimento bolsonarista. Dentre esses, cinco servem de corpus para a nossa pesquisa, cujo objetivo é compreender em que medida a poesia de Campos reverbera posições ideológicas em evidência durante o mandato de Bolsonaro. Adotando a análise do discurso de linha francesa, tomamos como aporte teórico central as contribuições de Pêcheux (2014b) e Orlandi (1987; 2012). Com base nas análises, apontamos que os poemas de Campos filiam-se a uma formação discursiva antibolsonarista, com a característica peculiar da subversão, na medida em que o poeta incorpora elementos comumente associados ao discurso de direita e ao bolsonarismo, ressignificando os efeitos de sentido em jogo.

Palavras-chave: Análise do discurso. Bolsonarismo. Augusto de Campos. Poesia concreta.

ABSTRACT: In an escalation of the extreme right in Brazil, following the presidential campaign of Jair Bolsonaro (Liberal Party), Augusto de Campos, a famous pioneer of concrete poetry, began using his Instagram profile to publish technological poems critical of the Bolsonarist movement. These are the ones that serve as corpus for our children, the object is understood by Campos' poetry reverberates ideological positions in evidence during Bolsonaro's mandate. Adopting French discourse analysis, we take as central theoretical support the contributions of Pêcheux (2014b) and Orlandi (1987; 2012). Based on the analysis, we point out that Campos's poems are affiliated with an anti-Bolsonarist discursive formation, with the peculiar characteristic of subversion, as the poet incorporates elements commonly associated with right-wing discourse and Bolsonarism, giving new meaning to the effects of meaning at stake.

Keywords: Discourse analysis. Bolsonarism. Augusto de Campos. Concrete poetry.

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa (2023) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente Mestranda, na mesma instituição, na área de Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL). E-mail: melina.gomes.701@ufrn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5679-6659>

² Graduado em Letras – Língua Portuguesa (2023) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente Mestrando, na mesma instituição, na área de Linguística Teórica e Descritiva pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL). E-mail: alvarolopescm@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0317-624X>

³ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP). Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPgEL) e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), unidade de Natal-RN. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso – GETED (UFRN). E-mail: sulemifabiano@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7212-0621>

A ascensão bolsonarista e o embate discursivo na cena política brasileira: considerações iniciais

Após o início do segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff (2015-2016), que chegou ao fim com o golpe de Estado, em 2016, houve uma insurgência da extrema direita no país, instaurando um cenário político conflituoso após a tomada de Michel Temer ao poder. Diante de uma cena cada vez mais polarizada, o debate em torno dos discursos políticos no Brasil ganhou, em diferentes áreas, maior destaque. Isso porque, após dois mandatos do governo Lula (2003-2011) e seis anos de sua sucessora, Dilma (2010-2016), ambos filiados à esquerda, o país passou por uma significativa mudança na dinâmica estatal e também nas narrativas que foram sendo construídas: diversos discursos conservadores, neoliberais e de cunho religioso ganharam força, tanto pelos representantes políticos, como pela massa social.

O avanço da extrema direita foi se intensificando, de forma que nas eleições presidenciais de 2018 um dos principais personagens foi Jair Messias Bolsonaro – na época, filiado ao Partido Liberal (PL) – que disputou e ganhou em segundo turno contra Fernando Haddad (PT). Sendo uma figura controversa, Bolsonaro conquistou grande apoio de eleitores que compactuam com falas sensacionalistas e fundamentadas em um discurso religioso de caráter autoritário. Embora envolvido em diversas polêmicas ao longo de sua campanha, ele iniciou o mandato com um suporte significativo do poder legislativo e executivo, ao passo que a esquerda se articulou em oposição nas ruas, nas Mídias e em Brasília.

Observou-se, então, a instauração de um embate entre discursos antagônicos que circularam em diferentes meios de comunicação, especialmente nos digitais — haja vista a acelerada disseminação de dados promovida pela internet. Dentre os diversos suportes textuais, as redes sociais potencializaram a discussão devido à sua capacidade de compartilhamento imediato de informações. Exemplo notável nessa esfera é a plataforma Instagram, a qual permite que seus usuários se posicionem sobre os mais variados assuntos a partir de *posts* instantâneos.

Nessa conjuntura, destacaram-se diversos artistas que fizeram uso do espaço digital para se manifestar diante da avalanche do chamado movimento bolsonarista¹. Na

literatura, o poeta Augusto de Campos ⁱⁱganhou visibilidade ao utilizar a arte como crítica social, publicando em sua conta do Instagram poemas altamente engajados. Em uma oposição clara ao governo de Bolsonaro, sua produção artística pôs em evidência as tensões existentes na disputa discursiva mediante o cenário político brasileiro daquele momento.

Considerando o panorama exposto, a presente pesquisa surge com o interesse de abordar esses tensionamentos sob a ótica da análise do discurso de linha francesa (e não sob um viés da análise literária), para evidenciar a forma como os poemas de Augusto de Campos materializam um embate entre discursos antagônicos e como a ideologia perpassa tais enunciados. Dessa forma, o estudo busca também lançar luz à esfera poética enquanto campo profícuo para o embate político, não isento de posicionamento.

Nesse viés, acreditamos que as lentes da Análise do Discurso (AD) possam contribuir para ampliar as discussões sobre a poética de Augusto de Campos para além da interpretação literária, uma vez que, sob o viés da AD, todo enunciado envolve uma complexa articulação discursiva. Isso posto, fundamentamos nosso trabalho nos postulados teóricos de Michel Pêcheux (2014b), concebendo seus conceitos e pressupostos de ideologia, formação discursiva, formação ideológica, memória discursiva e efeito de sentido. Também buscamos subsídio nas postulações de Orlandi (1987; 2012) sobre as noções de texto, discurso e a perspectiva da AD sobre o funcionamento da linguagem.

Tendo como objetivo compreender em que medida a poesia de Augusto de Campos reverbera posições ideológicas em evidência durante o período de ascensão do movimento bolsonarista no Brasil, o presente trabalho ancora-se na Análise do Discurso Pecheutiana para responder a seguinte pergunta: de que forma a poesia de Campos é atravessada por discursos ideológicos proeminentes do cenário político daquele momento? Partindo da hipótese de que as produções do poeta brasileiro deixam a ver, tanto no conteúdo quanto na forma, os discursos político-ideológicos em jogo na ocasião da escalada do movimento bolsonarista, buscaremos investigar as marcas linguísticas que se avultam nos poemas trazendo à tona discursos antagônicos dentro do cenário político-ideológico nacional.

O atravessamento ideológico na esfera discursiva: concepções teóricas

Partimos da perspectiva de que, assim como argumenta Pêcheux (2014b), o homem é um animal ideológico, logo, é constituído pela ideologia, de forma que todo enunciado proferido é carregado ideologicamente e possui filiações com discursos que se articulem com uma formação discursiva dominante. O autor, em sua obra *Semântica e discurso* (publicada inicialmente em 1975), vai nos informar que todo sujeito possui filiações com formações discursivas, que estão vinculadas a formações ideológicas, e que essas filiações estão associadas a maneira como interagimos discursivamente em nossas práticas sociais.

Nesse sentido, segundo Pêcheux, formação discursiva seria “tudo aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 2014b, p. 147). Com base nas postulações do francês, Orlandi (1987) esclarece essa compreensão ao nos explicar a relação existente entre as marcas linguísticas formais com questões ideológicas:

A formação discursiva é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção. De outro lado, podemos dizer que o que define a formação discursiva é sua relação com a formação ideológica. Assim, podemos perceber como se faz a relação das marcas formais com o ideológico. Podemos fazer o percurso nos dois sentidos: o que vai do ideológico para as marcas formais ou destas para aquele. Isso só é possível, entretanto, mantendo-se o conceito de Formação Discursiva como mediador (Orlandi, 1987, p. 132).

Dessa forma, ampliamos nosso olhar sobre o funcionamento da linguagem, visto que Orlandi (2012) defende a não neutralidade na língua, considerando que o dito e o não-dito são significativos e possuem efeitos a depender da situação sociocomunicativa. Nessa linha de raciocínio, a autora argumenta que as palavras não possuem sentido em si mesmas, mas, sim, o sentido é construído na interação. Isso se justifica pois a noção de língua para a AD é concebida intimamente relacionada ao discursivo em suas condições materiais e de processo, porquanto “a língua, assim, aparece como condição de possibilidade do discurso” (Orlandi, 1987, p. 118).

Dito isso, quando falamos em interação, estamos nos referindo à relação entre interlocutores com o texto e as condições de produção que o constitui, visto que

compreendemos o texto “não como unidade formal, mas pragmática, ou seja, aquela em cujo processo de significação também entram os elementos do contexto situacional” (Orlandi, 1987, p. 116). Dessa maneira, Orlandi (1987) vai nos falar ainda que o texto, além de ser uma unidade de significação complexa, não é uma unidade completa, mas sim, de natureza intervalar – ou seja é constituído por um princípio de incompletude, pois produz significado na interação.

Compactuamos com a autora, ainda, ao apontar a relação existente entre texto, contexto e intertextualidade visando dimensionar sua constituição:

Como o texto é um espaço, mas um espaço simbólico, não é fechado em si mesmo: tem relação com o contexto e com os outros textos. A intertextualidade pode ser vista sob dois aspectos: primeiro, porque se pode relacionar um texto com outros nos quais ele nasce e outros para os quais ele aponta; segundo, porque se pode relacioná-lo com suas paráfrases (seus fantasmas), pois sempre se pode referir um texto ao conjunto de textos possíveis naquelas condições de produção. A intertextualidade é, pois, um dos fatores que constituem a unidade do texto (Orlandi, 1987, p. 160).

Assim sendo, “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”, conforme advoga Pêcheux (2014b, p. 190). A partir da ótica pecheutiana, o sentido atribuído a um enunciado pode variar a depender da posição que o seu interlocutor ocupe, de forma que um mesmo enunciado vai produzir efeitos de sentido diversos para indivíduos que ocupam posições-sujeito diferentes.

Literatura e ideologia: apontamentos metodológicos

Entre as imagens cerradas nos seus limites e a forma em movimento do poema aconteceu passar a flecha do discurso.
Alfredo Bosi

Nosso trabalho consiste em uma abordagem de natureza qualitativa. Baseamo-nos na perspectiva apresentada por Minayo (2000), segundo a qual esse tipo de pesquisa considera a não-transparência e a não-evidência da realidade. Nesse âmbito, concebendo a opacidade da linguagem, buscamos desvelar os efeitos de sentido do que está posto linguisticamente e ainda do que está ausente. Para tanto, tomamos a Análise do Discurso de linha francesa como dispositivo de leitura e interpretação do nosso material empírico de análise, o qual consiste em poemas concretosⁱⁱⁱ, elaborados por Augusto de Campos e

publicados na conta @poetamenos^{iv}, do Instagram, vinculada ao autor.

Justificamos nossa escolha por um corpus literário entendendo que “o discurso não é um, mas múltiplo tanto nas suas funções quanto nas suas formas” (Todorov, 1980, p. 21). Reconhecemos que, de forma particular, a literatura dialoga com uma exterioridade, sendo perpassada pela história na medida em que é constituída por sujeitos e discursos que ocupam diferentes lugares sociais e ideológicos (Fernandes, 2008). Rememorando o aspecto transdisciplinar que originou a AD, defendemos que o diálogo com essa esfera é perfeitamente possível, mesmo porque, sendo a arte literária “uma parte inalienável da cultura” (Bakhtin, 2000, p. 362), ela inevitavelmente será atravessada pela ideologia.

Isso posto, para a delimitação do material, procuramos os poemas publicados entre 2022 e 2019 (período do mandato de Bolsonaro) e selecionamos os que versam, com tom marcadamente de oposição, sobre o contexto sociopolítico da época. Desse modo, foi feita uma seleção inicial de oito poemas; mas, devido à impossibilidade de analisar de maneira mais detalhada todos eles neste trabalho, optamos por cinco que dialogam mais entre si e abordam de maneira significativa a temática da crítica política à extrema direita vinculada à figura de Jair Bolsonaro.

Tendo sido feitas, na seção introdutória, as considerações sobre as condições de produção dos poemas, no que se refere ao nosso procedimento de análise, buscaremos 1) investigar as marcas linguísticas do corpus que trazem à tona discursos antagônicos dentro do cenário político-ideológico brasileiro; e 2) relacionar essas marcas com os discursos proeminentes naquele momento (ou até mesmo em outros períodos) evidenciando as posições ideológicas em jogo. Logo, tentaremos demonstrar como essa materialidade vincula-se ao embate discursivo em torno do mandato bolsonarista, refletindo sobre os efeitos de sentido mobilizados a partir dos textos poéticos.

O discurso antibolsonarista na poética de Augusto de Campos: uma análise

Político de reputação local, Jair Bolsonaro, antes deputado federal, passou a ganhar visibilidade na mídia por suas falas escandalizantes: fosse em discursos na tribuna da Câmara ou participando de programas de auditório, suas declarações polêmicas de tom extremista repercutiram em recortes nas redes sociais e ganharam eco em uma parcela da sociedade (Rocha, 2022). Dessa forma que ganhou força sua alcunha de “mito”, uma

derivação do verbo “mitar”, termo que se refere a quando alguém encerra uma discussão com frases de efeito ou grande impacto (Rocha, 2022). A essa denominação dá destaque Augusto de Campos no primeiro poema a ser analisado (figura abaixo), publicado em 3 de janeiro de 2019, logo após o ex-militar assumir a presidência:

Figura 1 - “O Mito”



Fonte: Perfil de Augusto de Campos no Instagram^v, 2019

Apropriando-se de uma expressão utilizada pela audiência bolsonarista, Campos subverte tal terminologia na medida em que os efeitos de sentido aqui, em se tratando de um discurso proferido pela oposição, ganham outra conformação. Para os apoiadores, o epíteto “mito” enaltece Jair enquanto figura grandiosa, remontando inclusive o caráter messiânico associado a ele pelo eleitorado cristão. Em contrapartida, a partir do poema, podemos entender essa apropriação de forma caricata e pejorativa, tendo em vista a posição ideológica de quem o produz, expressada na “derrocada” visual que compõe os elementos do texto.

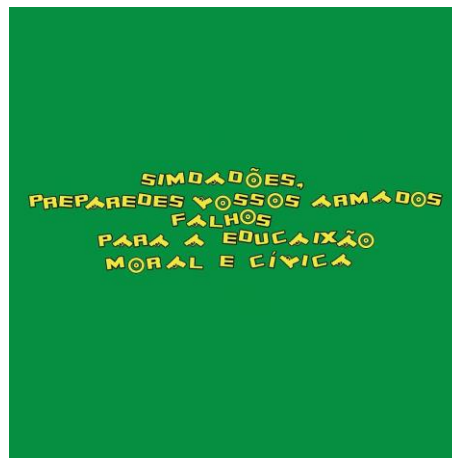
Nessa esteira de pensamento, o “mito”, em posição elevada e imponente, é levado à decadência ao longo do poema concreto, sendo reduzido a “bozo”, apelido dado a Bolsonaro pela oposição e que remete a um famoso palhaço brasileiro dos anos 90, cuja vida privada foi marcada por polêmicas. Na sequência do texto, podemos ler ainda “o zero” e também “vômito” (substantivo) ou “vomito” (verbo), estes últimos observados na aglutinação do conjunto tipográfico, conforme análise de Lino (2021). Fica clara, pois, a crítica direta ao bolsonarismo, invalidado e desqualificado segundo a posição ideológica expressa no poema.

Importante ressaltar que para concebermos essas análises foi preciso considerar de

maneira constitutiva o processo de significação do texto as suas condições de produção, pois, assim como postula Orlandi (1987; 2012), é necessário levar em consideração o contexto sócio-histórico e ideológico em que um texto foi produzido para conseguirmos contemplar seus efeitos de sentido. Dessa forma, entendemos que o autor dos poemas projeta uma imagem do seu leitor (Pêcheux, 2014a): a de que ele seja capaz de recuperar tais referências enquanto alusões à figura de Jair Bolsonaro e ao contexto sócio-histórico e político da época de produção e circulação do texto.

De forma análoga ocorre com o poema seguinte, embora este não cite, direta nem indiretamente, o ex-presidente:

Figura 2 - “Educaição”



Fonte: Perfil de Augusto de Campos no Instagram^{vi}, 2019

A composição visual e temática do poema, publicado em 5 de abril de 2019, ainda nos primeiros meses do mandato, nos remonta a discussões impulsionadas a partir do governo bolsonarista, a exemplo da propaganda armamentista, pauta polêmica defendida pelo ex-presidente. Utilizando de um neologismo (“simdadões”), Campos parece fazer, sarcasticamente, uma convocação à obediência irrestrita em um contexto de doutrinação que banaliza o armamento. Nesse ponto, o símbolo da arma ^{vii} é convenientemente utilizado pelo poeta, pois reverbera as discussões proeminentes desde o início da campanha de Bolsonaro, quando ele já se comprometia a facilitar o acesso a armas. A promessa passou a entrar em vigor já em janeiro de 2019, quando o governante assinou um decreto ^{viii} (de muitos que viria a assinar ao longo do mandato) alterando o Estatuto do Desarmamento, de 2003.

Considerando o forte apelo nacionalista da campanha de Bolsonaro e o “sequestro” dos símbolos pátrios (sobretudo bandeira e hino nacionais) como “estratégia

de legitimação dos posicionamentos políticos, ideológicos e morais” (Guedes, 2019, p. 73), o uso do verde e do amarelo nesta composição também é extremamente significativo. Nesse viés, posto como uma espécie de lema patriótico, o texto traz à tona a polêmica envolvendo a disciplina de Educação Moral e Cívica, que Bolsonaro prometeu resgatar ao currículo caso fosse eleito. Implementada em 1969 como obrigatória para todos os estudantes do país, essa matéria foi um instrumento da opressão durante a fase mais repressiva da ditadura militar brasileira pelo então presidente Arthur da Costa e Silva (1967-69), criador do AI-5. Surgida para substituir as grades de Filosofia e Sociologia, essa disciplina preconiza, essencialmente, o culto à pátria e à tradição, ideais defendidos pelo governo de Bolsonaro, simpatizante declarado do regime ditatorial.

Apresentando um posicionamento afiado, Campos, neste poema, expõe um discurso contrário à iniciativa bolsonarista de recuperar esse regimento. O trocadilho “educaixão”, que dá título à obra, nos remete à memória discursiva das inúmeras violências impostas em prol de uma suposta ordem defendida pelo autoritarismo. Sobre essa noção de memória discursiva, nos ancoramos em Orlandi (2012, p. 31), que reflete a questão do interdiscurso (a relação entre o dizer e o já-dito) ao apontar que “a memória [...] tem suas características, quando pensada em relação ao discurso”.

Seguindo essa linha de pensamento, o flerte com a ditadura, denunciado nas entrelinhas do poema, nos faz lançar luz ao que Pêcheux (2014b, p. 17) chama de “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, ideia segundo a qual discursos anteriores, marcados historicamente em uma outra época, são acionados em uma memória discursiva atual e constroem efeitos de sentido diferentes (ou similares) dentro de suas condições de produção. No que se refere ao Brasil, o movimento bolsonarista deu holofotes a discursos radicais (misóginos, racistas, homofóbicos etc.) cuja disseminação remonta uma herança sociocultural do Brasil e do mundo. É o caso do poema a seguir, o qual traz a suástica, símbolo que se tornou ícone da chamada identidade ariana e do orgulho nacional alemão (USHMM, 2017), uma referência do Nazismo:

Figura 3 - “Bolsograma”



Fonte: Perfil de Augusto de Campos no Instagram^{ix}, 2020

Regime totalitário que ganhou ascensão durante a Segunda Guerra Mundial, sob comando de Adolf Hitler, a ideologia nazista tem por bases o ódio ao diferente, a intolerância com relação a grupos minoritários, o extremismo e o ultranacionalismo. Acionando uma memória discursiva em torno do que representou essa ideologia, muito se associou o discurso de Jair Bolsonaro ao comando hitlerista, fosse pelas falas preconceituosas do então presidente — contra negros e mulheres, por exemplo —, ou por episódios polêmicos protagonizados por seus companheiros, como no caso do secretário da Cultura Roberto Alvim, que em janeiro de 2020 (dois meses antes da publicação de “Bolsograma”) fez um pronunciamento com referências claras a Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda de Hitler.

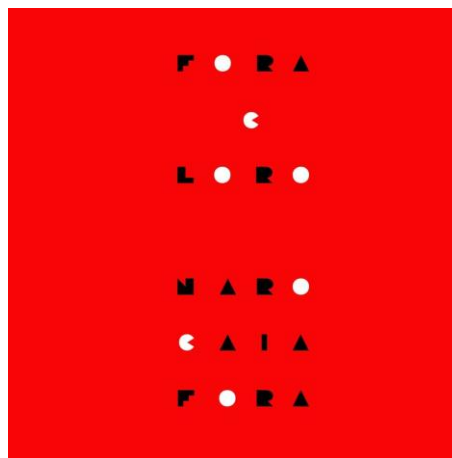
Remontando o conceito de memória dentro da perspectiva discursiva, Orlandi (2012, p. 30) nos lembra que “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”. Dessa forma, ressaltamos aqui a imprescindibilidade de considerar, para esse tipo de análise que estamos nos propondo, a exterioridade como fator primordial para compreensão do texto e seus efeitos de sentido, pois a significação das produções linguísticas não está inculta no texto, ou nas intenções dos interlocutores, mas sim, na relação estabelecida também com a historicidade.

Dito isso, “Bolsograma” expressa uma oposição clara ao governo, passando uma mensagem de “basta”, haja visto que, da esquerda para a direita, podemos ler: “Chega! / Jair / Pra / Fora / Bozo / Fora / Vai / Agora”. Fazendo reverberar o protesto de parte da população que exigia a saída do então presidente, a revolta notada no discurso de Campos

ganha ênfase tanto pelo uso do ponto de exclamação, quanto pela forma imperativa das frases. Desconsiderando a diferenciação que o poeta faz a partir das cores, podemos ler ainda a palavra “vaia”, a qual remete a uma expressão de desaprovação, de desprezo, sendo sinônimo de zombaria e escárnio (INSTITUTO ANTONIO HOUAISS, 2009, s.p.), o que nesse caso reflete a desaprovação em relação ao governo, expressada em vários momentos em que Jair Bolsonaro foi vaiado em aparições públicas ao longo do mandato.

Com relação à questão cromática, o poema utiliza um fundo preto, tom forte o qual, comumente, tende a estar associado àquilo que é sombrio (Pastoreau, 2017). Isso porque o preto, “além de ser a cor da morte e das trevas, é a cor do desconhecido e do que provoca medo” (Guimarães, 2004, p. 91). Essa impressão é potencializada no texto analisado pelo uso do vermelho, que remete a sangue ou estado de alerta. No contexto da política brasileira, os efeitos de sentido relacionados à tal paleta aludem ainda ao Partido dos Trabalhadores (PT), maior representante da oposição a Bolsonaro. Ícone da ideologia esquerdista, o vermelho ganha maior destaque no poema analisado a seguir:

Figura 4 - “Fora Cloronaro/Bolsograma 3”



Fonte: Perfil de Augusto de Campos no Instagram^x, 9 de abril de 2020

Sendo, consoante Pastoreau (2017), a simbologia das cores construída socioculturalmente, vale lembrar que o vermelho, na história, passou a ter conotação de cor revolucionária, associando-se a movimentos sociais de esquerda e aos ideais do Comunismo ou Socialismo (Costa, 2019). Sob esse viés, o poema de Campos traz à tona uma formação ideológica completamente contrária à do ex-presidente, fazendo reverberar o discurso da oposição, que contestava fortemente a forma como Bolsonaro direcionava seu governo, especialmente com relação a sua gestão durante a Pandemia de Covid-19.

No texto analisado, o tema é referenciado a partir do apodo “Cloronaro”, termo utilizado de forma jocosa para se referir ao político; uma espécie de trocadilho em meio às polêmicas envolvendo a Cloroquina. Publicado em 9 de abril de 2020, um dia após pronunciamento oficial de Bolsonaro na TV aberta em que mais uma vez ele defendeu o uso da medicação para o tratamento de COVID (sem quaisquer evidências científicas), o poema de Campos fez reverberar o repúdio de parcela significativa ^{xi} da nação mediante o discurso negacionista do governante. Nesse ponto, evidenciamos mais uma vez o papel das condições de produção dos poemas de Campos e sua influência na construção dos efeitos de sentido, haja vista que, àquele momento, a Pandemia tornou-se pauta de inúmeros embates político-partidários.

Diante desse panorama, encaminhando nossa análise para o fim, apresentamos “Contrapoema sobre o verbo ir” (Figura 5), publicado no final de 2020, “ano em que o Brasil enfrentou uma combinação dramática de crise política, econômica e sanitária” (STRUCK, 2020), alcançando o número alarmante de 190 mil mortes em decorrência do vírus. Apoderando-se do verde e amarelo da bandeira nacional (fortemente atrelados ao discurso de direita durante a campanha bolsonarista), Campos, neste poema, faz ressoar o clamor de muitos brasileiros àquele momento:

Figura 5 - “Contrapoema sobre o verbo ir”



Fonte: Perfil de Augusto de Campos no Instagram^{xii}, 3 de novembro de 2020

Sob um olhar desatento, as marcas linguísticas do texto (menção a Jair e uso das cores do Brasil) poderiam remeter à ideologia predominante no discurso dos apoiadores de Bolsonaro. No entanto, não precisamos de muito para compreender que esse conteúdo, articulado ao contexto sociocultural e à posição de quem o enuncia, na verdade, está

transpassado pelo viés da oposição. Seguindo essa linha de pensamento, entendemos que a apropriação das cores do Brasil no poema de Campos é extremamente perspicaz, haja vista que o autor busca desvincular esse símbolo nacional do discurso partidário da extrema-direita.

Para concluirmos, vale ressaltar que o mesmo poema foi republicado em novembro de 2022, após a derrota de Jair Bolsonaro nas urnas para o candidato Luís Inácio da Silva (PT). Nessas circunstâncias, o pedido de saída do ex-militar do cargo, que já ganhava coro no início do mandato, havia se concretizado, potencializando os efeitos de sentido do texto de Campos. Assim, de certa forma, a figura de Jair acabou por ficar no passado (como no jogo de palavras expresso no poema), dando um desfecho ao embate discursivo protagonizado, nos dizeres de Caetano Veloso, pelo “maior poeta brasileiro vivo bradando contra o pior presidente que poderíamos imaginar.” (Veloso, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o ganho de poder da extrema direita no cenário brasileiro, tornou-se evidente a massificação de discursos conservadores e que excluem minorias sociais, potencializando embates discursivos que envolviam indivíduos contrários a esses posicionamentos ideológicos. Como representante dessa oposição na esfera artística, o poeta Augusto de Campos reverberou o discurso contrário ao governo de Jair Bolsonaro publicando poemas de protesto nas redes sociais.

Os poemas, que serviram de corpus nesta pesquisa, tomados como discurso constituído histórica e ideologicamente a partir de suas condições de produção, representam uma unidade complexa de significação, estando transpassados pelas tensões discursivas em jogo durante o mandato bolsonarista. Nesse viés, a partir das discussões promovidas neste artigo, pautadas na perspectiva da análise do discurso de linha francesa, pudemos apontar que os poemas analisados se filiam a uma formação discursiva antibolsonarista, alinhada a um posicionamento de esquerda, em uma oposição clara à ideologia direitista.

Apontamos que, de forma muito particular, o artista produz seu discurso sob a égide da subversão, na medida em que decide incorporar nos seus poemas elementos

linguísticos e simbólicos que comumente estão comumente associados ao discurso antagônico (relacionados à direta). Assim, Campos subverte os significados construídos, em um enleado discursivo que propõe novos efeitos de sentido aos seus textos. Isso se faz presente tanto pelo teor linguístico, através das escolhas lexicais e o jogo com as palavras dentro da gama de possibilidades que a poesia concreta dispõe, como também pelos demais dados simbólicos, como cores e figuras.

No mais, constatamos que há, nos poemas, marcas de uma memória discursiva que remonta a discursos próprios dos contextos nazista e ditatorial brasileiro, as quais estão presentes nos textos não como forma de incorporação, mas de contra identificação e crítica ao que o discurso antagônico evoca. A partir dessa perspectiva, então, o interdiscurso na poética de Campos traz à tona questões ideológicas proeminentes em momentos históricos anteriores, associando-as diretamente às bandeiras defendidas pelo governo do ex-militar.

Desse modo, toda a composição visual elaborada pelo poeta converge para um efeito de sentido de repúdio à figura de Bolsonaro e à ideologia bolsonarista, o que se expressa nas críticas que os poemas tecem aos discursos radicais, intolerantes e negacionistas do ex-presidente. Assim, sob uma conformação peculiar, cuja natureza é própria do campo artístico-literário, a poética de Augusto de Campos, mescla elementos diversos, os quais se articulam simbolicamente para a construção de um antagonismo ao discurso de extrema direita encabeçado por Bolsonaro.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOLSONARO volta a defender cloroquina em novo pronunciamento em rede nacional. **UOL Notícias**, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/04/08/bolsonaro-volta-a-defender-cloroquina-em-novo-pronunciamento-em-rede-nacional.htm>. Acesso em: 13 mar. 2025.

COSTA, G. L. **Vermelho pra que te quero?** A simbologia da cor nos movimentos sociopolíticos na história do Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design-Moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

FERNANDES, C. A. Literatura em Foucault: lugares da análise do discurso. **Signótica**, Goiânia, p. 49–62, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/3635>. Acesso em: 24 fev. 2025.

FRANCO, L. Decreto de Bolsonaro facilita posse de arma; entenda como funciona a lei e o que muda agora. **BBC**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46832821>. Acesso em: 20 mar. 2025.

GUEDES, S. L.; DA SILVA, E. M. A. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia**, n. 3, p. 73-89, 2019. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.9691/pr.9691.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.

GUIMARÃES, L. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2004.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

LINO, P. Augusto de Campos, as farpas virtuais e os cibercéus do futuro. **Santa Barbara Portuguese Studies**, Santa Barbara, v. 8, n. 2, p. 94-120, 2021. Disponível em: https://sbps.spanport.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/volume/Vol_8/6.%20Lino.pdf. Acesso em: 25 fev. 2025.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. História da Suástica. **Enciclopédia do Holocausto**, Washington, 7 ago. 2017. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/history-of-the-swastika>. Acesso em: 19 fev. 2025.

ORLANDI, E. P. **Linguagem e Funcionamento**: As formas do discurso. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PASTOUREAU, M. **Preto**: história de uma cor. Lisboa: Orfeu Negro, 2014.

PASTOUREAU, M. **Red**: The History of a Color. New Jersey: Princeton University Press, 2017.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani *et al.* 5. ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014a. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

RENNÓ, L. Bolsonarismo e as eleições de 2022. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 106, p. 147-163, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36106.009>. Acesso em: 20 fev. 2025.

STRUCK, J. P. Crise sem fim: o segundo ano de Bolsonaro. **DW**, 30 dez. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/crise-sem-fim-o-segundo-ano-de-bolsonaro/a-56089092>. Acesso em: 13 mar. 2025.

TODOROV, T. A noção de literatura. In: _____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 11-23.

VELOSO, C. **Este poema é exemplo da força da obra de #AugustoDeCampos. Uma explosão luminosa ecoando o Salto Participante da poesia concreta [...]**. 1 abr. 2020. X: @caetanoveloso. Disponível em: <https://x.com/caetanoveloso/status/1245327696818835457>. Acesso em: 13 mar. 2025.

ⁱ Por bolsonarismo entendemos o posicionamento ideológico que ascendeu no Brasil com a figura de Jair Bolsonaro durante sua campanha eleitoral para presidente. Representado pela direita, diz respeito a um conjunto de atitudes e valores que, segundo o professor em Ciência Política Lucio Rennó (2022, p. 147), está “fortemente associado a dimensões de uma agenda conservadora, incluindo uma visão de mão dura no combate ao crime, uma forte reação culturalista a propostas progressistas de gênero, liberalismo econômico, contrário a políticas de inclusão social baseadas em cotas”, incorporando, ainda, o negacionismo, com a adesão a teorias conspiratórias e a opção por alternativas antidemocráticas.

ⁱⁱ Augusto Luiz Browne de Campos, paulista nascido em 14 de fevereiro de 1931, é um poeta brasileiro considerado, ao lado de Haroldo de Campos, seu irmão, e Décio Pignatari, um dos representantes da poesia concreta no Brasil. Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal Fluminense (UFF), tem contribuições relevantes não só na poesia: desenvolveu também trabalhos como tradutor e ensaísta, além de ser um crítico literário e musical.

ⁱⁱⁱ Surgido em meados dos anos 1950 no Brasil, o movimento da poesia concreta remete a um tipo de produção artística de vanguarda, com forte apelo semiótico na medida em que se centra na verbivocovisualidade, ou seja, na articulação entre palavra, som e imagem. Buscando a objetividade, os poetas concretistas valorizam a materialidade verbal, explorando o espaço da página, sem atentar para as convenções quanto à linearidade do texto ou pontuação. Também chamada de poema-objeto, explora aspectos gráficos, abolindo o verso tradicional e privilegiando o elemento visual.

^{iv} No perfil, atualmente, há mais de 800 publicações, dentre elas a maioria são poemas que o escritor costuma publicar variando entre um poema isolado, ou mais de um, quando em formato “carrossel”.

^v Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BsKzhKUHWCB/?igsh=MTF4OGc2ZHEzYnQxdQ==>. Acesso em: 20 jan. 2025.

^{vi} Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bv3q6O1nmpd/?igsh=MThmdDl5N21oN2hlcQ==>. Acesso em: 20 jan. 2025.

^{vii} Esse recurso é comumente utilizado por Augusto de Campos nas produções que denotam oposição ao Bolsonarismo, a exemplo de “Bolsograma” e “Fora Cloronaro/Bolsograma 3”, poemas de 2020, analisados na sequência deste artigo.

^{viii} O decreto assinado teve como principais mudanças a definição mais flexível quanto a quem tem “efetiva necessidade” de ter uma arma. Com a alteração, a Polícia Federal perdeu o poder de barrar um registro de armamento. Ademais, o decreto também realizou uma modificação importante: o aumento do prazo de validade da autorização de posse de arma: de cinco anos, passou para dez (Franco, 2019).

^{ix} Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CQTY3f3HLXF/?img_index=2&igsh=MzUzOHY0NjE5NHQy.

Acesso em: 23 jan. 2025.

^x Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CQTY3f3HLXF/?img_index=2&igsh=MzUzOHY0NjE5NHQy.

Acesso em: 19 jan. 2025.

^{xi} Em abril de 2020, o Brasil já atingia a triste marca de 800 mortes pela COVID-19. O pronunciamento do então presidente gerou reação negativa de muitos brasileiros: sua fala foi acompanhada de “panelaços” como forma de protesto em algumas capitais brasileiras, como São Paulo (Bolsonaro..., 2020)

^{xii} Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIXpUcNHE6/>. Acesso em: 20 jan. 2025.